VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

# SÁTIRA DO COTIDIANO NA CAPITAL DO IMPÉRIO: AS CARICATURAS DE COSTUMES NOS PRIMEIROS ANOS DA *SEMANA ILUSTRADA* (1860-1864)

Isabela Moura Mota

## INTRODUÇÃO À *SEMANA ILUSTRADA* E A SEU EDITOR, HENRIQUE FLEIÜSS

No final do ano de 1860, um novo periódico foi lançado na capital do império: a Semana Ilustrada (1860-1876), criada pela firma de três estrangeiros cujo líder era o prussiano Henrique Fleiüss. A tentativa deste trabalho é demonstrar como a coleção de caricaturas de costumes pode ser entendida como um projeto civilizatório de seus criadores, especialmente de Henrique Fleüiss, editor da Semana Ilustrada, aqui sugerido como um "naturalista dos costumes".

Henrique Fleiüss, cujo nome original era Heinrich, nasceu 28 de agosto de 1823, na cidade de Colônia sob domínio da Prússia[1]. Filho de família tradicional, quando criança, já demonstrava inclinação artística, tendo cursado Belas Artes em Colônia e depois em Dusseldorf, onde aprendeu desenho, gravura e pintura. Fleiüss foi, em seguida, para Munique completar os estudos de ciências naturais e iniciar os de música. Ali, foi discípulo de Carl Friederich Phillipp von Martius, naturalista de grande importância para a historia da ciência no Brasil. Segundo relato de seu filho, Max Fleiüss, na Revista do

[1] A unificação dos estados alemães em um Estado-Nação só ocorre em 1871. Assim, acreditamos ser mais preciso referir-se a Fleiüss como prussiano em vez de alemão.

IHGB de 1923, teria viajado por quase toda Europa, demorando-se principalmente na Holanda[2].

Acompanhado do irmão, Carl Fleiüss, artista litógrafo e pintor, e do amigo Carl Linde, pintor e gravurista, Henrique veio para o Brasil em 1858, aos 35 anos. Munido de carta de recomendação redigida por Martius e endereçada ao imperador D. Pedro II, Henrique, no entanto, desembarcou em Salvador em vez do Rio de Janeiro, ponto de partida de seu professor.

Depois de quase um ano no norte brasileiro, fixando paisagens em aquarela, Henrique desembarcou finalmente no Rio de Janeiro em 15 de julho de 1859. Seu talento artístico chegou ao conhecimento da corte e Fleiüss passou a receber encomendas de retratos e pequenos trabalhos. Estabelecendo-se na capital, ele abriu, em 11 de janeiro de 1860, a firma Fleiüss, Irmão & Linde. Em dezembro do mesmo ano, em parceria com o irmão e o amigo Linde, iniciou a publicação do semanário Semana Ilustrada, criando o padrão que seria depois copiado largamente na imprensa carioca. De formato considerado pequeno, o periódico tinha oito páginas, quatro de texto e quatro de ilustrações. A Semana Ilustrada circulava aos domingos, com o preço de 500 réis para o exemplar avulso[3], mantendo-se economicamente através do sistema de assinaturas.

A parte escrita oferecia contos, poesias, crônicas e pequenas notas, além do editorial, que habitualmente comentava algum assunto de interesse atual da população, realizando uma crítica social dos costumes dentro da chave humorística. A redação da revista contou com colaborações literárias ilustres durante sua carreira: Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Ernesto Cibrão, Saldanha Marinho e Bruno Seabra animaram a vida do hebdomadário. As ilustrações ficavam a cargo de Henrique Fleiüss, que depois do décimo número passou a contar com o auxílio de H. Aranha, Pinheiro Guimarães, Aristides Seelinger e do jovem caricaturista Ernesto Augusto de Souza e Silva Rio, o Flumen Junius.

Do primeiro ao último número da *Semana Ilustrada*, o cabeçalho que ocupava quase a metade superior inteira da página de capa manteve-se o mesmo. Em primeiro

[2] Cf. FLEIUSS, Max. "Centenário de Henrique Fleiüss". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 123, tomo 94, vol. 148.

[3] Laura Nery faz notar que o preço do exemplar avulso pode ser considerado caro, uma vez que jornais diários costumavam ter valor dez vezes mais baixo. NERY, Laura. "As apoquentações do Dr. Semana. Aproximações e divergências entre Henrique Fleiüss e Angelo Agostini". In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Cem anos de Angelo Agostini*, no prelo, 2014.

plano ressaltava-se a figura do Dr. Semana, personagem considerado *alterego* de Fleiüss, segurando na mão direita um exemplar da *Semana Ilustrada*, "enquanto a mão esquerda ajuda dois 'bobos da corte' a passar uma tira com imagens numa 'lanterna mágica"[4]. Na objetiva da lanterna, o lema do periódico: *ridendo castigat mores*, na tradução do latim algo como "rindo, corrigem-se os costumes".

**FIG. 1 -** O cabeçalho da Semana Ilustrada, presente da primeira à última edição, preservando o erro de português em "Lanterna Mágica", talvez uma negligência, talvez um capricho do editor prussiano.

A capa da *Semana Ilustrada* ostentava geralmente uma dupla de personagens contrastantes, advindos do topo e da base de uma lógica social escravista. Na capa do periódico, além do cabeçalho fixo, salvo raras vezes, havia frequentemente a mesma estrutura: o personagem do Dr. Semana, homem viajado e entusiasta das artes, em diálogo com seu escravo, o Moleque, o outro personagem porta-voz da revista. O Moleque era alfabetizado e expressava-se muito bem, distinguindo-se da maioria dos escravos de sua época, geralmente iletrados na língua portuguesa.

Neste formato cômico, os dois comentavam os fatos corriqueiros do dia-a-dia, principalmente sobre os personagens que se sobressaíam na vida política e sobre os acontecimentos mais notórios como a Questão Christie, a Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre e o debate em torno da abolição da escravidão. Além dos assuntos públicos, os personagens, narradores da "viagem humorística" da *Semana Ilustrada* na América



[4] ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil*. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro, Editora Campus, Elsevier, Edições Biblioteca Nacional, 2004, p. 124.

Meridional[5], discutiam assuntos de suas vidas particulares, anunciando a mescla entre o público e o privado que seria uma das principais marcas da sátira da revista. No semanário, o Dr. Semana envolveu-se com D. Marmota e o Moleque se casou com Dona Negrinha, temas que se tornam muitas vezes o mote da capa. Com essas estratégias narrativas, A *Semana Ilustrada* produzia uma humanização de seus personagens ficcionais, valendo-se de estratégias de teatro.

Embora a revista tenha sobrevivido até 1876, o recorte temporal aqui estabelecido, 1860-1864, advém de uma proposição da própria revista. É no momento inicial da publicação que Fleiüss e sua equipe focam quase que exclusivamente na construção de uma ideia sobre a cidade do Rio de Janeiro, classificando tipos, espaços e costumes urbanos, buscando o riso "saudável". Nosso interesse reside naquilo que Baudelaire divisou como a sátira própria de Molière, que estabeleceu a base da moderna comédia de costumes.

## O PROJETO *CIVILIZATÓRIO* DO DR. SEMANA

Conforme já se assinalou, a *Semana Ilustrada*, em seus primeiros anos, tratava principalmente dos hábitos do cotidiano da vida na cidade, expondo satiricamente a ineficiência de determinados serviços públicos, como o correio e a fiscalização sanitária, as festas de salão, as modas extravagantes na vestimenta feminina, a conduta interesseira dos arrivistas, o comprometimento político irregular dos deputados e senadores, além de publicar retratos honrosos de pessoas vistas com apreço pelo periódico, criando inúmeros personagens urbanos. A *Semana* tinha uma linha editorial patriótica e suas caricaturas cultivavam uma função cívica e pedagógica[6], usando o humor como instrumento para difusão das maneiras polidas.

Aqui, "polir" e "policiar" são afiliadas de "civilizar", conforme salienta Starobinski[7], *poli* (polido) e *policé* (policiado) são palavras foneticamente próximas. No



[5] Semana Ilustrada, Ano 01, N º 01, Rio de Janeiro, 16/12/1860, capa.

[6] Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. "Henrique Fleiüss: a função cívica e pedagógica da caricatura nas páginas da Semana Ilustrada". In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lucia Maria Bastos P. das (org.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*: *cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009, v.1, pp. 153-179.

[7] STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 25.

entanto, suas etimologias são distintas. Polir vem do latim *polire*, denotando a ação de polir. Já, polícia é oriunda do termo grego *polis*, *politeia*. "A atração entre elas não é apenas fonética, é semântica". Com isso, destacamos que ambas são instâncias civilizadoras, implicando a palavra polir em um devir, "uma ação progressiva" que equivale a civilizar, "os indivíduos, suas maneiras e sua linguagem".

> Tanto o sentido próprio quanto o sentido figurado podem conduzir a ideia de ordem coletiva, de leis, de instituições que assegurem a brandura do comércio humano. A passagem é feita pelo verbo policiar, que diz respeito aos indivíduos reunidos, às nações[8].

Com o objetivo de incentivar o progresso da atrasada capital imperial e desejando polir os costumes dos brasileiros sob moldes europeus, entendidos como altamente civilizados, Fleiüss e seu periódico estimularam mudanças de costumes da população, instruindo e ensinando as regras do convívio social através da lente do humor. Uma das maiores críticas do periódico em seus primeiros anos, não é de se estranhar, é a ineficiência da polícia em punir as irregularidades. Sem dar nomes, a *Semana Ilustrada* criticava a instituição como um todo e abusava de ironias para destacar a morosidade dos oficiais de polícia.

**FIG.2 –** O descaso da polícia era uma preocupação constante do periódico que frequentemente debochava da sua falta de eficiência. (Semana Ilustrada, Ano 01, N º 34, Rio de Janeiro, 09/06/1861, p. 4.)



[8] Idem.

As charges em sua maioria apresentavam uma crítica social num tom comedido, produzindo uma "sátira bem comportada"[9], que não desejava macular a imagem de nenhuma pessoa conhecida, pelo menos como princípio. Com este tipo de cômico, que o poeta Charles Baudelaire classificaria de "puro significativo", por ser mais utilitário e fortemente referido à realidade[10], a *Semana Ilustrada* construiu uma galeria de tipos e costumes da cidade carioca no Segundo Reinado, galeria esta que nos permite ver um precioso modo de representação da vida em uma sociedade de contradições marcantes, onde o regime escravocrata convivia com o desejo de progresso.

As charges com o Dr. Semana e o Moleque mostravam uma relação de senhor e escravo sob o prisma patriarcal, trazendo as tópicas de patriotismo, hierarquia, distinção social, entretenimento, etc. Além desses personagens, muitos outros povoaram as ilustrações da *Semana Ilustrada*. De maneira não menos sistemática, apareciam figuras militares, tipos urbanos de vários níveis sociais, o Brasil personificado na figura do índio, membros da vida política e artistas de vários segmentos, sobretudo do teatro. Também eram retratados, de forma frequente, personagens negros (escravos e libertos pobres), que segundo a historiadora Karen Fernanda Rodrigues de Souza eram mostrados geralmente como figuras apáticas e ignorantes, sem poder de autonomia na sociedade.

Mesmo que a "modernidade" da *Semana*, seja "desconfortavelmente simultânea ao seu conservadorismo"[11], a "experiência ambivalente" é muito rica para uma análise dos costumes *da* sociedade carioca do Segundo Reinado. Afinal a equipe da *Semana Ilustrada* parecia querer colaborar para o desenvolvimento do *processo civilizador*[12] no



---

9 Cf. NERY, Laura. "Os sentidos do humor: Henrique Fleiüss e as possibilidades de uma sátira bem comportada". In: KNAUSS, Paulo et al. (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

10 Referimo-nos, aqui, aos ensaios sobre a arte cômica publicados entre 1855 e 1857 por Charles Baudelaire. Cf. BAUDELAIRE, Charles. "Da essência do riso e de modo geral do cômico nas Artes Plásticas". In: BAUDELAIRE, C. *Poesia e prosa*. Ivo Barroso (org.) Rio de janeiro: Nova Aguilar, 1995.

11 Para Laura Nery, a *Semana Ilustrada* propaga uma modernidade conservadora: "o que há de moderno no projeto liderado por Fleiüss relaciona-se com suas convicções de homem ilustrado, para quem o progresso, a ciência, a educação, a técnica, o comércio e a arte são os caminhos para que o Brasil alcançasse o mesmo patamar de civilização das nações europeias." NERY, Laura. "Os sentidos do humor: Henrique Fleiüss e as possibilidades de uma sátira bem comportada". In: KNAUSS, Paulo (org.). Op. cit., p. 187. Cabe indicar, nesse sentido, dois esforços pioneiros do alemão: a tentativa de implementar o uso da xilografia na imprensa brasileira, criando uma escola de formação de mão-de-obra para tal, e a proposta da utilização sistemática da fotografia entre 1865 e 1870, por ocasião da cobertura da Guerra do Paraguai. Ver: ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Op. cit.

12 Segundo Norbert Elias, nenhum ser humano chega civilizado ao mundo, é preciso passar por um processo de "interiorização individual" do padrão de costumes, conforme compartilhado pela sociedade

Brasil. O projeto moralizador é anunciado na primeira edição do periódico e perpetrada na visão de mundo transmitida na escrita e nos desenhos do semanário.

> Na política, no jornalismo, nos costumes, nas instituições, nas estações públicas, no comércio, na indústria, nas ciências, nas artes, nos teatros, nos bailes, nas modas acharemos para a *Semana Ilustrada* assunto inexaurível, matéria inesgotável para empregar o lápis e a pena. (…) resolutos a profligar o vício, a hipocrisia, o charlatanismo, a impostura; a zombar do pseudo-catonismo, do falso mérito, da virtude pretensiosa, das vocações mentirosas, das devoções mascaradas, do talento fosfórico; e abrindo os braços a toda a personalidade, a toda a antítese viva dessa cáfila asquerosa, dispostos a colher com aplauso, com afã, com íntimo prazer toda ideia útil, toda a intenção generosa, todas as provas evidentes de inteligência, de vocação, de merecimento profícuo à grande causa do progresso.[13]

Explicitando a maneira pela qual o periódico em análise demonstrava seu projeto civilizatório através da caricatura, veja-se uma charge do Brasil personificado na figura de um índio, conforme já feito em caricaturas anteriores, em consulta com o alfaiate Dr. Semana.

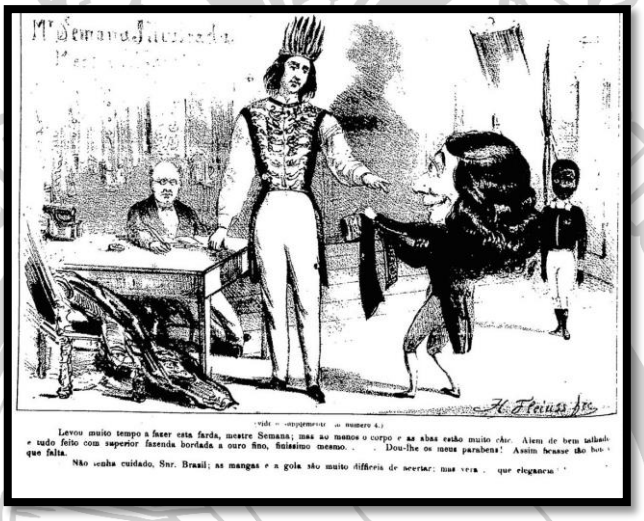


**FIG. 3 –** Alfaiate: *"- Levou muito tempo a fazer esta farda, mestre Semana; mas ao menos o corpo e as abas estão muito chic. Além de bem talhado e tudo feito com superior fazenda bordada a ouro fino, finíssimo mesmo… Dou-lhe os meus parabéns!(…)"*

Dr. Semana: *"- Não tenha cuidado, Sr. Brasil; as mangas e a gola são muito difíceis de acertar; mas verá… que elegância!"* (Semana Ilustrada, Ano 01, Nº. 14, Rio de Janeiro, 17/03/1861, p. 4)



da qual somos fruto. Cf. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

[13] Semana Ilustrada, Ano 01, N º 01, Rio de Janeiro, 16/12/1860, capa.

Esta charge assinada por Henrique Fleiüss, deixa bastante evidente o tom da *Semana Ilustrada* em seus primeiros anos, ajudar o jovem e "bom selvagem" Brasil a fazer sua autoimagem dentro do padrão civilizado europeu. Para tal, o Dr. Semana também ganhava as mais diversas profissões para auxiliar a imagem do Brasil.

## FLEIÜSS, UM "NATURALISTA DOS COSTUMES"

Através da pesquisa junto à fonte primária, pode ser observado que a característica determinante do jornal é o esforço gráfico-descritivo dos costumes e personagens da sociedade carioca da segunda metade do século XIX.

Fleiüss é um editor estrangeiro cujo traço é a observação da natureza humana e social, traço este inerente ao olhar dos viajantes de outros países que aqui aportaram.

> O que os viajantes tem em comum? Num primeiro momento, seu olhar de observadores eternos enquadra com clareza quase classificatória tipos, costumes, normas de comportamento. Passado algum tempo, a vivencia cotidiana leva-os a se misturar ao ambiente visitado, se tornar íntimos de gente da terra, se familiarizar com as rotinas e os problemas da cidade. Reclama do calor dos mosquitos, das chuvas torrenciais, da sujeira das ruas, do descaso das autoridades, dos cocheiros e dos caminhos para os diferentes sítios, da situação política. Nesse momento não só figuram um Brasil, como ensinam a figurá-lo, a descrevê-lo.[14]

Ana Maria Mauad destaca que "a escrita em trânsito" dos viajantes fornece o tom de "testemunha ocular", e podemos nos apropriar dessa afirmação deslocando-a para Henrique Fleiüss e suas caricaturas, acrescentando que a característica da produção quase instantânea também aponta para o ofício de jornalista. Assim, admitimos aqui como hipótese, que Fleiüss possuía uma veia etnográfica, precursora do estilo de reportagem que produz flagrantes do cotidiano. De acordo com nossa hipótese, a formação naturalista de Fleiüss resvala sua técnica de identificação e classificação de espécies para outro âmbito, para o campo da caricatura de costumes, ao descrever satiricamente as cenas da vida contemporânea. Fleiüss, um "naturalista dos costumes" em seu discurso gráfico, fixou identidades e registrou a vida nas ruas, as formas de sociabilidade nos salões frequentados pela elite e hábitos culturais fincados na lida cotidiana da cidade.

[14] MAUAD, Ana Maria. "Imagem e autoimagem do Segundo Reinado". In: ALECASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 187.

Sobre o entendimento do caricaturista como utilizador de um método descritivo, etnográfico, seguimos Laura Nery, em sua dissertação de mestrado, "Cenas da vida carioca: Raul Pederneiras e a *belle époque* de seu tempo". No supracitado trabalho, a autora defende que a obra de Raul, caricaturista da Primeira República, de forma análoga, pode ser considerada um relato etnográfico, uma descrição densa dos fenômenos que o artista presenciou. De forma similar à hipótese de Nery, para quem Raul Pederneiras utilizava o método etnográfico, concordamos com a hipótese de Fleiüss como antecipador do mesmo método. Diferenciando-se de Raul em aspectos que só intensificam a disposição para observação diferenciada do cotidiano: Fleiüss viveu 35 anos em outras culturas que não a brasileira, construiu formação naturalista e indicou através de séries sistematizadas, como as séries "Passeios pela cidade" e "Typos do Rio de Janeiro", a intimidade com a linguagem das fisiologias. Dessa forma, esse estudo concorda com Nery, que pensa em Fleiüss na chave de um "viajante naturalista", destacando o papel da voga dos panfletos com tipos urbanos em seu tempo;

> Existe um laço entre o caricaturista e o viajante naturalista, cujo *elo* pode ser encontrado num outro gênero que se popularizara na Europa em meados do século XIX: as fisiologias. Nos seus anos de formação em Munique e Dusseldorf, na década de 1840, Fleiüss viu crescer a popularidade destes pequenos livros que combinavam descrições da vida da cidade, ilustrações das cenas cotidianas e retratos dos tipos urbanos. Partilhando, em geral, um mesmo grupo de colaboradores que as revistas ilustradas, estas publicações mantinham um forte vínculo com a chamada "caricatura de costumes", centrada na vida cotidiana. [15]

A gênese das fisiologias reside no momento em que as ciências sociais ainda guardavam pontos de contato com as ciências naturais, pautadas em mecanismos de descrição e classificação de fenômenos. Surgiram na primeira metade do século XIX, dentro do que Benjamin denominou de "literatura panorâmica", coletâneas de fundo informativo cujo texto descritivo revelavam a observação da cidade.

> Nesse gênero (literatura panorâmica) ocupavam lugar privilegiado os fascículos de aparência insignificante, e em formato de bolso, chamados fisiologias. Ocupavam-se de descrições dos tipos encontrados por quem visita a feira. Desde o vendedor ambulante do bulevar até o elegante foyer da ópera, não havia nenhuma figura da vida parisiense que o 'fisiólogo' não tivesse retratado. O momento áureo do gênero acontece

[15] NERY, Laura. Projeto de pesquisa "Henrique Fleüiss e a *Semana Ilustrada* (1860-1876): ambiguidades de uma sátira bem comportada". A pesquisa se insere no eixo de análise "Cultura, Intelectuais e poder", do Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais (LRPRC), na UERJ, coordenado pelas professoras Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Lúcia Maria Paschoal Guimarães.

no início dos anos 1840.(...) Depois de se terem dedicado aos tipos humanos, chega a vez de se dedicarem à cidade.[16]

922 SEMANA ILLUSTRADA.

A SEMANA ILLUSTRADA.

Rio, 1 de Março de 1863.

TYPOS DO RIO DE JANEIRO.

Todos os paizes possuem um rebanho de individualidades caracteristicas, que, mal apparecem em publico, são apontadas a dedo, ou pelo trajo de rigor que usam, ou pelo emprego a que se dedicão. Póde-se dizer que formam elles uma classe saliente entre os milhares de outros individuos, que se esgueirão desappercebidos por entre o bulicio das cidades populosas.

Nenhuma cidade, porém, offerece maior diversidade, nesse genero, do que o Rio de Janeiro. E' a cidade classica dos typos, é a arca de Noé de todos esses bichinhos. Quem vê um de qualquer familia tem visto a todos os da sua ordem.

Cremos, portanto, fazer um serviço aos leitores da *Semana Illustrada* mostrando-lhes essas especialidades pintadas e descriptas.

A maior parte desses insectos pertence a classes obscuras, mas não importa isso para que não deixem de interessar.

Seja, pois, a nossa divisa o distico do edificio do Gaz —*Ex fumo dare lucem.*—

I.

URUBU.

O *Urubu'* é um dos mais importantes typos da cidade de S. Sebastião. Ninguem quer saber se tem nacionalidade e a que politica pertence. Vestem-o de preto, amarram-lhe um fumo no chapéo, atiram-o escanchado em uma sardinha equina, e mandam-o passear aos cemiterios, atraz de um defunto, que não conhece. Esse individuo deveria ser muito feliz se não houvesse moleques para cantar-lhe ao ouvido o maldito *urubu! oh! urubu!* O viveiro delles é na casa do major Suckow.

II.

BARATA DE MANTILHA.

A *Barata de mantilha* é uma especie de velha, coberta de mazellas e descrida do mundo, que se entretem em entregar bilhotes de namoro, buscar costuras e outros trabalhos para as netinhas, e besbelhutar o que se passa no interior das familias. Por baixo da saia de lila, e da mantilha de panno preto traz um vestidinho de chita, um lenço á cabeça, e muito peccado ainda não perdoado por Deus. Todas são solteiras e não começaram a vida por baratas. Infelizmente vão desapparecendo essas sacerdotizas de Mercurio.

III.

O NEGRO DO GANHO.

Eis um typo em prestado a Costa da Africa. O *negro do ganho* é o gallego de Portugal, com a differença de não ser branco e de acreditar-se menos estupido. De calça e camisa rota e porca, pés cobertos de poeira e semeiados de bichos, e com um cesto no hombro, uma rodilha na cabeça e um chocalho na mão, mostra-se elle ajojado de cargas, a cantarolar pelo meio da rua, ou a dormir ao sol, estendido nos lagedos da igreja da Candelaria. Não parece desgraçado e exulta de prazer quando tem o cinturão de couro cheio de moedas de dous vintens.

IV.

CAVALLO DE TILBURY.

Typo original e extraordinariamente conhecido é o *cavallo do tilbury*. Lacrimoso de magreza, de côr muito duvidosa, orelha cahida e lanho de chicote nas ancas, é visto esse coitado, morrendo de fraqueza, sem que a policia se lembre de manda-lo pastar por alguns mezes. Tem poucas relações, raras vezes come, e dorme quando o cocheiro se esquece de dar-lhe pancada e dorme tambem á porta de algum theatro ou de algum baile. Tem um caracteristico para ser conhecido entre os milhares da sua especie, e vem a ser: peitos abertos e propensão para cahir escarranchado. Fóra disto, não faz mal a ninguem, mas todos se queixão d'elle.

V.

MINA DE FRUCTAS.

Admirada pelos estrangeiros, perseguida pelos meninos das escolas para lhe furtarem a quitanda, e aborrecida pelas donas de casa, que não lhe podem aturar os estouvamentos e as respostas tortas, a *mina de fructas* ostenta por essas ruas um pimpão na cabeça, uma camisa de entremeios e rendas, uma saia de chita, um panno da costa a tiracollo, quatro pulseiras e meia de coraes, e uns chinellinhos até o meio do pé. Dir-se-hia um calçado de *Cendrillon* se os pés não fossem de duas varas. Serve apenas para a quitanda e para ajuntar dinheiro. Acredita em feitiço e toma a benção a quanto negro velho ha por ahi, acompanhando a reverencia da cabalistica frase: *O-eu-ô?* Differe das gambás, em trazer os filhos nas costas, e

FIG. 4 – A série "Typos do Rio de Janeiro" inventariou personagens e costumes da cidade imperial. (Semana Ilustrada, Ano 03, N. 116, 01/03/1863, p. 2.)

Segundo Margareth Cohen, a Monarquia de Julho (1830-1848), marcou um período de transformações na França em que "a burguesia passou a exercer dominação cultural, política e econômica" e o cotidiano sofreu "promoção a objeto merecedor de atenção representacional". Cohen destaca que "a gênese da modernidade caracteriza-se pela concepção do cotidiano como prática" [17]. Pensar que Fleiüss corroborou para uma consciência do público leitor de seu próprio cotidiano dentro de um "humor conservador", conforme cunhou Nery, leva a ressaltar a ambiguidade de sua produção. Conforme já destacamos, exatamente por haver a tensão de conservadorismo e modernidade na Semana Ilustrada, seu exame constitui interessante problema histórico. Essa ambivalência registra, de um lado, conservadorismo; apoio político ao império no formato de sátira que

[16] BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo, São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 34.

[17] COHEN, Margaret. "A literatura panorâmica e a invenção dos gêneros cotidianos". In CHARNEY, L. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna.* São Paulo: Cosac Naify, 2001, p. 260.

quer o riso benfazejo visando a correção dos vícios, e, de outro, modernidade, uma experiência precursora de publicação, com a valorização do cotidiano, que aponta para o futuro da reportagem jornalística.

Em seu jornalismo, o editor Fleiüss vai desenvolvendo seu olhar, dentro do recorte temporal estipulado nessa pesquisa, e passa de estrangeiro que não conhece as regras do jogo da cidade, para habitante aclimatado, sustentando a dinâmica de porta-voz das reivindicações da população. Fleiüss passa assim a

> ocupar o papel de porta-voz das reivindicações dos habitantes da cidade, tornando-se uma espécie de fiscal da cena pública, um representante das demandas dos cidadãos livres da Corte. O ponto de vista que antes tomava a cidade tropical de um modo negativo converte-se, então, num olhar solidário e engajado na vida cotidiana.[18]

Mesmo sentindo-se "em casa", Fleiüss não abandona o método etnográfico potencializado pelo olhar estrangeiro, muito pelo contrário. Parece residir aí, na sua faceta de "naturalista de costumes", sua grande satisfação profissional e seu talento: observar a cultura local, registrando-a, sem com isso deixar de recomendar o progresso rumo à civilização e à universalização dos costumes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALECASTRO, Luiz Felipe de (org.). História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. História da fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro, Editora Campus, Elsevier, Edições Biblioteca Nacional, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. "Da essência do riso e de modo geral do cômico nas Artes Plásticas". In: BAUDELAIRE, C. Poesia e prosa. Ivo Barroso (org.) Rio de janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo, São Paulo: Brasiliense, 1989.

COHEN, Margaret. "A literatura panorâmica e a invenção dos gêneros cotidianos". In CHARNEY, L. (org.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

[18] NERY, Laura. Os sentidos do humor: Henrique Fleiüss e as possibilidades de uma sátira bem comportada. In: KNAUSS, Paulo (org.). Op. cit., p. 177.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

FLEIUSS, Max. "Centenário de Henrique Fleiuss". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 123, tomo 94, vol. 148.

NERY, Laura. "As apoquentações do Dr. Semana. Aproximações e divergências entre Henrique Fleiüss e Angelo Agostini". In: LUSTOSA, Isabel (org.). Cem anos de Angelo Agostini, no prelo, 2014.

_____. "Os sentidos do humor: Henrique Fleiüss e as possibilidades de uma sátira bem comportada". In: KNAUSS, Paulo (org.). Op. cit., p. 184.

_____. Caricatura: microcosmo da questão da arte na modernidade. Departamento de História. Tese de Doutorado, PUC-Rio, 2006.

_____. Cenas da vida carioca: Raul Pederneiras e a belle époque de seu tempo. Departamento de História. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2000.

_____. Projeto de pesquisa "Henrique Fleüiss e a Semana Ilustrada (1860-1876): ambiguidades de uma sátira bem comportada". A pesquisa se insere no eixo de análise "Cultura, Intelectuais e poder", do Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais (LRPRC), na UERJ, coordenado pelas professoras Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Lúcia Maria Paschoal Guimarães.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal . Henrique Fleiüss: a função cívica e pedagógica da caricatura nas páginas da Semana Ilustrada. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lucia Maria Bastos P. das (org.). Op. cit., pp. 153-179.

MAUAD, Ana Maria. "Imagem e autoimagem do Segundo Reinado". In: ALECASTRO, Luiz Felipe de (org.). História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STAROBINSKI, Jean. As máscaras da civilização: ensaios. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.